



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

***Versiprosa*, de Carlos Drummond de Andrade: Crônicas-Poemas,
Gênero Híbrido?**

***Versiprosa*, by Carlos Drummond de Andrade: Poem-Chronicles or a
hybrid genre?**

*Sônia Pereira Dias**
*Ilca Vieira de Oliveira***

RESUMO

Este estudo aborda, em especial, as produções poéticas do livro *Versiprosa* (1967), que reúne crônicas escritas por Drummond para os jornais cariocas *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, e para a revista *Mundo Ilustrado*. Essa obra abarca 102 crônicas, escritas entre 1954 e 1970. Compreendemos que Carlos Drummond de Andrade destacou-se no meio literário e jornalístico como poeta e como cronista, estreitando os limites entre os gêneros crônica e poesia. A sua escrita revela, por meio de uma linguagem peculiar e multifacetada, os conflitos que se verificam no contexto sócio-histórico e cultural em que viveu, permitindo que algumas de suas poesias evidenciassem esse conflito entre o “eu” e o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: *Versiprosa*; Crônica; Poesia; Gênero híbrido, Carlos Drummond de Andrade

ABSTRACT

This article addresses Carlos Drummond de Andrade’s poetic production in his book *Versiprosa* (1967), which includes, in poetic form, the short accounts and reflections about everyday life he wrote for the Rio de Janeiro newspapers *Correio da Manhã* and *Jornal do Brazil*, as well as for the magazine *Mundo Ilustrado*. The volume includes 102 texts written between 1954 and 1970. We reckon that Andrade distinguished

* Mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Minas Gerais – SEE/MG; Montes Claros; Minas Gerais; Brasil; soniapereiradias@hotmail.com

** Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Professora de Teoria Literária, Literatura Brasileira e Portuguesa do Departamento de Comunicação e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Montes Claros; Minas Gerais; Brasil; ilcavieiradeoliveira@yahoo.com.br



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

himself in the literary and journalistic milieu both as a poet and as a teller of accounts, narrowing the boundaries between prose and poetry as literary genres. Through unique and multifaceted language, his writing reveals conflicts occurring in the sociohistorical and cultural context he lived in, which enables him to provide evidence of a conflict between the “self” and the world.

KEYWORDS: *Versiprosa*; Chronicle; Poetry; Hybrid gender; Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade possui uma vasta produção literária, publicada tanto em livros quanto em páginas de jornais. Como poeta e cronista, ele se destacou pela força de expressão presente em grande parte de sua produção literária, tornando, assim, a literalidade uma característica fundamental e sobrepujante em sua escrita. Entretanto, não foi somente no campo da poesia que ele sobressaiu, mas também no âmbito da narrativa objetiva, lugar de destaque da crônica, que busca na conversa cotidiana e, principalmente, na fala coloquial, uma linguagem que compreenda uma expressão poética. Por conseguinte, ele encontrou uma maneira de falar de coisas objetivas, efêmeras e factuais tão ao seu modo, ao seu gosto, concentrando a essência lírica, uma vez que há em cada discurso um uso especial da linguagem.

Esse autor escreveu suas crônicas durante maior período de tempo para jornais da cidade do Rio de Janeiro, nos quais tinha uma coluna trissemanal: primeiramente, o *Correio da Manhã* (de 1954 a 1969) e, depois, o *Jornal do Brasil* (de 1969 a 1984)¹, mas também contribuiu com sua matéria da vida cotidiana para algumas revistas cariocas, dentre elas a *Mundo Ilustrado*. O escritor mineiro começou a trabalhar nesses periódicos na década de 1950; foi nesses jornais e nessa revista que o cronista-poeta publicou suas crônicas-em-verso². Parte desses textos foi reunida e publicada em livro, no ano de 1967, *Versiprosa*, e, em 1973, *Versiprosa II*³. As crônicas foram reunidas anos mais tarde para compor a *Poesia Completa* de Carlos Drummond de Andrade, pela editora Nova Aguilar⁴.

É do jornal *Correio da Manhã*, no qual Drummond escreveu durante quinze anos, que são retirados vários registros de acontecimentos para compor o livro de crônicas-em-verso *Versiprosa* (1967). Cláudia Poncioni assim descreve a parte do jornal

¹ Ressaltamos que Carlos Drummond de Andrade iniciou sua carreira jornalística e literária nos jornais belo-horizontinos em 1920, sendo eles: *Diário de Minas* e *Minas Gerais*, haja vista que foi por meio desses periódicos que ele divulgou crônicas, poemas, crítica literária, artigos sobre o cotidiano, entre outros escritos.

² De acordo com os estudos realizados por Rita de Cássia Barbosa, “[a] primeira crônica-em-verso, Bilhete a Guignard surgiu no *Correio da Manhã*, na seção Imagens, encabeçada pelo título Imagem aérea, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1954. Figura hoje em *Viola de Bolso, Obra Completa*, com o título: A Guignard” (BARBOSA, 1986, p. 135, nota explicativa número 29 do artigo intitulado De *Viola de Bolso* a *Versiprosa*: o cotidiano tornado poesia, de Rita de Cássia Barbosa).

³ Ainda segundo Barbosa (1986): “*Versiprosa II* não foi publicado isoladamente, surgindo pela primeira vez na *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, 3ª edição” (BARBOSA, 1986, p. 135, nota explicativa número 30 do artigo intitulado De *Viola de Bolso* a *Versiprosa*: o cotidiano tornado poesia, de Rita de Cássia Barbosa).

⁴ Quando o livro *Versiprosa* foi publicado na coletânea *Poesia Completa*, pela editora Nova Aguilar, 1ª edição, 2002, em virtude do centenário de nascimento do poeta, foi feita a compilação dos dois volumes em um só; na *Poesia Completa*, o livro em estudo adquire o título *Versiprosa* (crônica da vida cotidiana e de algumas miragens), [1967], 2002.

destinada à publicação das crônicas escritas por Drummond, à qual ele deu o título de “Imagens”:

Enquanto as crônicas foram publicadas no primeiro caderno, avizinhavam-se com matérias políticas mas se destacavam destas graças à utilização da tipografia em itálico. O título *Imagens* era seguido por um complemento: *Imagens do Rio*, *Imagens do Tempo*, *Imagens de um dia* etc. O título, em itálico, era seguido por outro, em negrito: *Imagens soltas: Ao vento*; *Imagens do Brasil: Tudo trocado*; *Imagens mundanas: Defesa de um gênero*. A matéria que constituía a crônica em si era impressa em itálico, querendo lembrar talvez a transcrição de uma conversa ou de um monodialogo, como dizia Drummond e acentuava a importância da oralidade no gênero. A assinatura C.D.A. figurava igualmente em itálico. (PONCIONI, 2002, p. 144-145).

Em seu estudo crítico, Poncioni mostra o panorama da folha do periódico em que se publicavam as crônicas de Drummond. Havia nelas a preocupação em marcar o diálogo, fosse este com um leitor implícito ou com um leitor explícito. A linguagem que utilizava para escrever as crônicas por diversas vezes era de caráter coloquial. Dessa maneira, servindo-se das particularidades da crônica e traçando novas características dentro desse gênero, o cronista-poeta faz dissolver seus limites; além do meio jornalístico, ela também invade o meio literário, e isso ficou mais evidente “[...] em 1964, quando passaram para o Segundo Caderno, onde dividiam o espaço com a atualidade cultural, as crônicas tornam-se mais ‘literárias.’” (PONCIONI, 2002, p. 145).

A partir do título “Imagens”, dado à coluna do jornal *Correio da Manhã*, notamos que a temática que as crônicas abrangem compõe-se de apreciações do meio social, político e cultural; de representações da vida, da cidade, do mundo e do tempo em que vive o cronista-poeta. É sobre essas imagens do Brasil, do Rio e do mundo, de acontecimentos que vão de 1954 a 1970, que as crônicas-poemas do livro *Versiprosa* discorrem, colaborando, assim, para que o leitor de hoje conheça a história do país e do mundo por meio de versos deixados, talvez, sem uma intenção proposital para a posteridade.

É relevante destacar que para o leitor de hoje compreender e notar a que remetem e a quem se referem as crônicas deverá buscar na história nomes e acontecimentos do Brasil, a fim de se inteirar da intenção e do assunto que o cronista-poeta coloca em discussão na sua escrita. Isso se faz importante porque, no livro *Versiprosa*, não temos representado o panorama da folha do jornal; além disso, nas

crônicas-poemas que foram impressas no livro não se conservaram o título “Imagens”, nem seu subtítulo, que vinha impresso em negrito, sendo que, neles, já se encontrava o assunto principal que era esboçado e declarado nos textos. Sem as “pistas”, digamos assim, que a folha do jornal oferecia ao leitor que lhe era contemporâneo, fica mais difícil para o leitor atual decodificar o assunto que a crônica-poema discute. Daí a importância de contextualizar e buscar informações sobre o texto e o período histórico em que ele foi escrito, para assim entender e compreender o tema abordado, pois a proximidade entre o espaço da matéria política, social e cultural que o editorial e a crônica ocupavam no periódico não torna diferente o assunto que, muitas vezes, é comentado na própria crônica.

As imagens captadas por Drummond e convertidas em palavras para a coluna do *Correio da Manhã* transformam-se em uma junção de linguagem objetiva e subjetiva; enquanto esta decanta emoção, aquela tem o ofício de informar; à primeira cabe a imparcialidade do jornalista perante o fato narrado, à segunda compete conferir beleza estética ao diálogo em versos e uma aura confessional ao eu lírico, pois este se torna *alter ego* do cronista, que usa do discurso poético para nos permitir as percepções sensoriais que o mundo lhe oferece. Observamos, assim, o espírito do jornalista ou cronista ser substituído pelo espírito do poeta. Isso ocorre quando a crônica desloca-se da coluna do jornal, de renovação diária, e surge na página de um livro de poemas, conservando-se para a posteridade. Dessa forma, a poesia nos faz não apenas experimentar uma sensibilidade depositada no caso narrado e logo esquecido, como acontece no jornal, mas também provoca, pela maneira e pelo meio em que se disponibiliza, pela forma e pelos recursos de linguagem utilizados para a sua construção, uma experiência sensível em quem a interpreta.

A saber, *Versiprosa* é um gênero híbrido, pois oscila entre a poesia e a prosa, entre o poema e a crônica, entre o meio jornalístico e o literário, foi matéria do cotidiano dos anos 1954 a 1970, de renovação diária, que se conservou para a sociedade contemporânea. Dessa maneira, verificamos que o lirismo existe, quer em forma de prosa, quer em forma de poesia.

Nessa perspectiva, *Versiprosa* é um livro que possui algumas propriedades características da crônica e também da poesia. Crônica, pois, seus textos nascem primeiramente nas páginas de jornais, que agregam o efêmero e o factual, que se atêm a temas cotidianos. Poesia porque concentram em si a subjetividade, uma vez que o escritor manifesta lirismo perante um objeto ou um fato externo por ele observado e

que, para isso, utiliza recursos que recriam uma imagem, uma notícia, um acontecimento por meio de versos.

Por conseguinte, as crônicas-poemas de *Versiprosa*, apesar de terem sido publicadas em uma coluna de jornal, não exprimem apenas aquilo que é objetivo e real, diferenciam-se da reportagem porque o cronista-poeta suscita uma leitura que leva ao imaginado, que propõe um diálogo com o leitor, que cria um locutor imaginário para com ele participar do discurso. Desse modo, deposita nas produções sua emoção; movido pela subjetividade, apreende a essência do objeto ou do fato observado e analisado, e o pinta, o narra para além do visto, do real e do óbvio. Para isso, recorre a recursos linguísticos e estéticos de forma a habilitar o leitor a ver e a ler além do factual, além do escrito.

Nesse livro, Drummond apresenta duas denominações para os escritos. A primeira indicação é o subtítulo, que esclarece o conteúdo que se encontrará no livro. O escritor, entre parênteses, assim apresenta *Versiprosa*: “Crônica da vida cotidiana e de algumas miragens”. Ali se encontram “causos” do dia a dia, uma conversa informal e a reconstrução de alguns fatos reais em criação literária. Desse modo, ele retrata os acontecimentos de seu tempo por meio dos versos e de uma linguagem cotidiana e poética.

Na segunda designação para o livro, a qual se apresenta como uma justificativa quanto à nova produção, Carlos Drummond se dirige ao leitor para lhe dizer o porquê da nova palavra “versiprosa”, para deixá-lo de sobreaviso acerca de onde foi retirada a matéria de suas crônicas-poemas e do assunto que tratam. Vejamos:

Versiprosa, palavra não dicionarizada, como tantas outras, acudiu-me para qualificar a matéria deste livro. Nele se reúnem crônicas publicadas no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*; umas poucas, no *Mundo Ilustrado*. Crônicas que transferem para o verso comentários e divagações da prosa. Não me animo a chamá-las de poesia. Prosa, a rigor, deixaram de ser. Então, versiprosa. Quero lembrar que as farpas dirigidas nestes escritos à ação de políticos jamais filtraram paixão ou interesse partidário nem assumiram cunho pessoal. Expressaram a reação de um observador sem compromisso, que há muito se desligou de ilusões políticas, e, geralmente, prefere falar de outras coisas mais gratas entre o céu e a terra. C. D. A.⁵ (ANDRADE, [1967], 2002, p. 508).

⁵ Nos poemas do livro *Versiprosa*, na época em que foram publicados nos jornais, o cronista-poeta usou a acrografia C. D. A. para assinar suas produções. Entretanto, usamos neste trabalho a coletânea de poemas de Carlos Drummond de Andrade publicada pela Editora Nova Aguilar em 2002, sendo que nela os poemas de *Versiprosa* não trazem a assinatura de Drummond, apenas a data de sua publicação nos jornais, já que ocupavam o lugar destinado às crônicas. Por isso, usamos como citação apenas a

Percebemos que o poeta parece querer se justificar quanto ao assunto abordado em suas crônicas-poemas. Parece-nos que ele tenta ficar neutro ou afastar-se da situação que suas crônicas-poemas provocam quando fazem referência à política, e, como ele mesmo diz: “Exprimiram a reação de um observador sem compromisso”. Drummond coloca-se apenas como um observador da realidade; as conclusões e as interpretações ficam à parte, para os leitores.

Além disso, notamos que nem mesmo o autor dessas crônicas, consegue classificar a que gênero o livro pertence e, para suprimir a necessidade de uma qualificação para tal livro, cria uma palavra não dicionarizada, “versiprosa”, pois a matéria que se encontra no livro não é prosa nem poesia, é a fusão dos dois gêneros, tão peculiares ao seu estilo e forma.

Dessa maneira, o próprio poeta coloca em discussão os conceitos sobre prosa e poesia, haja vista que as fronteiras entre esses gêneros são diluídas com o advento da modernidade (assinalando que a questão do gênero é problematizada desde a Antiguidade, com Aristóteles). Destarte, tais discussões permitem uma diversidade de possibilidades estéticas empreendidas por um contexto de renovação e modificação das matrizes genéricas, das temáticas e da essência expressiva que, anteriormente, foram preestabelecidas pelos modelos da tradição clássica.

Assim, os limites fixados pelas regras da tradição literária sofreram com o decorrer do tempo uma mutabilidade em sua forma. Essa mutabilidade foi operada por uma transformação junto aos procedimentos estéticos e por uma liberdade formal que possibilita desenvolver e multiplicar os modelos composicionais característicos de cada gênero, permitindo que uma obra integre, ao mesmo tempo, mais de um gênero.

Todavia, para o crítico Massaud Moisés, o autor comete um equívoco na frase: “prosa, a rigor, deixaram de ser”, visto que “somente deixariam de ser [prosa] nos casos em que os versos encerrassem poesia; nos demais, prosa rimada – *versiprosa*” (MOISÉS, 1983, p. 253). Logo, não é porque as crônicas estão em forma de verso que deixaram de ser prosa; pelo contrário, o texto congrega duas formas distintas que agora convergem em uma, a prosa rimada. Desse modo, *Versiprosa* apresenta elementos que pertencem à poesia como, por exemplo, os versos, o caráter lírico, a sensibilidade do

introdução que Drummond escreve ao livro no qual constam, como assinatura, as iniciais de seu nome.

cronista, um “eu” que se projeta em diálogo para o outro, mas, por outro lado, o livro não se restringe a uma regra formal, já que manifesta liberdade criadora.

Se ao gênero lírico pertencem unidades que lhe são peculiares, como a rima, a métrica, o ritmo e a composição, da mesma maneira notamos elementos que são peculiares da prosa, sendo eles a ação, o tempo, o espaço, a linearidade da escrita, a criação de personagens, o diálogo marcado, uma linguagem que exprime o cotidiano, a trama, o drama e o enredo. Logicamente, a distinção das formas em prosa deve ser feita a partir da função que esses elementos exercem, seja na forma, seja no conteúdo, e não a partir de sua simples presença ou ausência, para, assim, atestar a qualidade e a expressividade do texto em prosa, uma vez que para cada determinado tipo textual⁶ haverá elementos e aspectos que predominam mais em uns que em outros. Como *Versiprosa* carrega em sua composição particularidades tanto da prosa quanto da poesia, há de se atentar para o fato que nos aponta Massaud Moisés:

A crônica em versos afugenta a poesia de seu núcleo: a reportagem versificada instala-se em lugar do ritmo poético. A explicação parece simples: para não ser poesia “pura”, sem as aderências do cotidiano, e permanecer crônica, o poema (a sucessão de versos) agarra-se ao acontecimento. [...] ao leitor cabe não se deixar iludir pelos versos, uma vez que o evento histórico neles prepondera sobre o “eu” gerador de poesia. [...] a crônica em versos semelha transferir para a forma o pressuposto lírico, que não necessita do metro para impor-se e dominar. (MOISÉS, 1983, p. 253).

Nessa perspectiva, o lirismo que presenciamos nas crônicas-poemas do livro em estudo é uma síntese de informatividade com indícios de confessionismo, posto que um “eu” demonstra sua sensibilidade perante os episódios exteriores por ele vividos ou observados. Nota-se que essa composição literária, quer em forma de prosa, quer em forma de poesia, exprime uma realidade social (hoje remota), examina o contexto do país com humor e ironia e transfere para os versos a subjetividade⁷ do autor, mas também denota uma objetividade⁸ na elaboração da escrita, de modo que, de acordo

⁶ Os tipos textuais correspondem a sequências textuais que podem ter natureza narrativa, argumentativa, injuntiva, descritiva e expositiva.

⁷ Consideramos tal subjetividade como uma manifestação cognitiva e expressiva do sujeito individual para uma coletividade; assim, o sujeito toma conhecimento dos fatos externos a partir de referenciais próprios, por meio dos quais o mundo é experimentado e percebido, e o sujeito encontra maneiras de nele atuar.

⁸ A objetividade é aqui entendida como o caráter imparcial do sujeito diante dos fatos que narra, e não a informação imediata; logo, o sujeito se apresenta neutro diante de uma determinada situação que comunica ao seu leitor, pois cabe ao outro a apreciação e o julgamento dos fatos narrados.

com Massaud Moisés, “[...] as características da crônica [...] se casam perfeitamente com o lirismo: não dispensando o acontecimento, plano do ‘não-eu’, nem o lirismo, plano do ‘eu’, a crônica pode ser conceituada como a poetização do cotidiano.” (MOISÉS, 1983, p. 255). Como se verifica, essa poetização do cotidiano somente é possível quando, ao acontecimento narrado e analisado, combina-se uma expressividade, um estilo e uma composição peculiar, funcionando como elementos essenciais na produção do texto.

A crônica é, indiscutivelmente, um gênero textual em prosa, que narra de maneira breve e centrada os fatos cotidianos de um determinado tempo. O cronista recolhe do contexto social um acontecimento que é contemporâneo a ele e ao leitor, debruça sua escrita sobre tal episódio; de forma imparcial e objetiva reflete, critica ou questiona a respeito dele, deixando para o leitor a tarefa de julgá-lo.

A saber, a crônica, quando passou a ocupar o lugar que cabia ao folhetim numa página de jornal, não oferecia uma sucessividade de capítulos semanais da continuação de um romance ou de uma novela, como fazia o folhetim. A crônica não guarda sequência cronológica do assunto abordado; o cronista não se limita a escrever apenas sobre um fato, mas pode abordar vários, na medida em que eles ocorrem e que sente necessidade ou preocupação em falar sobre aquilo que lhe instiga.

Por conseguinte, a própria palavra “crônica” carrega em sua etimologia uma relação com o tempo presente, com o mundo externo e com a memória social. Ao apresentar a origem da palavra crônica e o conteúdo que abarca, Paulo Eduardo de Freitas destaca que:

A palavra “crônica” e suas variantes *chronica*, *caronica*, *cronicão* e *cronicon* estão etimologicamente ligadas ao termo *Chronos*, deus da mitologia grega que representa o tempo. Através de sua transposição para o latim (de *Chronos* para *Saturnus*, ou seja, “saturado de anos”), o termo passou a significar o registro dos fatos contemporâneos. Assim, a crônica assume o papel de registro da realidade social das comunidades humanas. (FREITAS, 2004, p. 171).

Registrar os acontecimentos reais, corriqueiros e inesperados das comunidades humanas; revelar os problemas e dificuldades de uma sociedade; mostrar um ambiente coletivo e, por vezes, conflitante, eis o papel que a crônica assume no meio jornalístico, eis a matéria diária que suscita a atenção do escritor e que motiva um tema para sua escrita. Ademais, o indivíduo que observa o mundo exterior e o registra estará

concentrado nas ações humanas e no espaço ao seu redor; diante disso, a crônica terá a finalidade de informar ou de apreender a essência de uma imagem por meio do lirismo. Assim sendo, o caráter da crônica, se literária, jornalística, humorística, histórica ou filosófica, entre outras, dependerá do método de abordagem utilizado pelo escritor para narrar um determinado fato, do seu posicionamento para com o que narra e da maneira como aplica a linguagem.

Drummond, ao escrever suas crônicas para os jornais cariocas, entre os anos de 1950 e 1970, fazia o trabalho de registro social e político de um tempo que ele observou. Depreendemos que, ao relatar e exprimir esse tempo, o cronista-poeta se concentra nas ações e nos episódios efêmeros que marcaram, principalmente, a história política e nacional. Desse modo, transfere para o texto duas funções: a informação e a sensibilidade ante o que contempla e o que narra.

Ao verificarmos que suas crônicas carregam tais finalidades, percebemos que elas possibilitam uma leitura de via dupla, pois agregam valores que lhes constituem como um texto que entenece o leitor tanto no sentido cognitivo e interpretativo quanto no emotivo e plurissignificativo. Entretanto, entre este ou aquele caminho, o leitor tem o trabalho de apreender a significação das palavras e ser capaz de captar os fatos que lhe são (ou não) expostos nos detalhes, já que a crônica-poema, ao mesmo tempo em que revela algo, também pode ocultá-lo.

Entretanto, essas crônicas-poemas são de cunho crítico, denunciativo e reflexivo. Como elas guardam em sua essência um poema, nessa perspectiva, Massaud Moisés assemelha a crônica a outros gêneros, dentre eles a poesia e o conto. Desse modo, esse autor nomeia alguns tipos de crônicas ao levantar as seguintes proposições:

Quando o caráter literário assume a primazia, a crônica deriva para o conto ou a poesia, conforme se acentue o aspecto narrativo ou o contemplativo. De onde surgem os dois tipos fundamentais de crônica: a crônica-poema e a crônica-conto.

Enquanto poesia, a crônica explora a temática do “eu”, resulta de o “eu” ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético.

A crônica voltada para o horizonte do conto prima pela ênfase posta no “não-eu”, no acontecimento que provocou a atenção do escritor. (MOISÉS, 1983, p. 250-254).

Se tomarmos como base esses apontamentos feitos por Massaud Moisés para pensar o processo de composição de *Versiprosa*, o qual é fusão entre crônica e poesia, verificamos que, em se tratando especificamente desse livro, nem todos os

apontamentos propostos têm relação com sua configuração, uma vez que transcendem as expectativas expostas pelo crítico e também os limites que determinam as propriedades e a forma de cada gênero. Ao analisarmos cada uma das proposições em comparação a *Versiprosa*, veremos que, embora assuma caráter literário, conduzindo-se para o domínio da poesia, o autor não faz do assunto de sua crônica uma narrativa que compreenda um “eu” como centro de sua escrita; a matéria da crônica não é um “eu” que se expõe ao outro, nem com sentimentalismo, nem com ideologias, nem com histórias que perpassam sua vida íntima; pelo contrário, esse eu lírico se volta para o domínio público, para os problemas da sociedade, para a vida cotidiana em que atua o poeta.

Igualmente, em *Versiprosa* não prevalece apenas a propriedade que se acentua no conto, porque não é somente o acontecimento narrado pelo escritor que dá sentido e essência para a criação do texto, assim como não é o único meio de motivação para um dos atributos da crônica, o diálogo com o leitor. O acontecimento exposto em *Versiprosa* vai além da descrição do fato, pois admite um disfarce para o real sentido das palavras, as quais, quando lidas e interpretadas pelo leitor, assumem novos propósitos e novas significações dentro do texto.

Ao englobar em sua composição aspectos da prosa e da poesia, ao estabelecer um diálogo com seu leitor, ao produzir um estilo e uma forma peculiar, e, ainda, ao fazer confluir a subjetividade e a imparcialidade em uma mesma escrita, provocando uma sensibilidade causada pela poeticidade, esses escritos fundamentam o uso do termo crônica-poema para a produção textual de *Versiprosa*.

Desse modo, há em *Versiprosa* a crônica-poema, constituída de versos que nos apresentam episódios da vida real, mas que concentram em si algo que vai além do fato relatado, visto que reúnem em sua essência um modo peculiar de produzir a crônica e o poema em associação. Tais crônicas-poemas, apesar de discorrerem sobre um cotidiano que é compartilhado por todos, conseguem ainda penetrar no particular de cada indivíduo que lê e participa, junto com o autor, do contexto que ele relata, pois o leitor que compreende a crônica-poema reflete sobre a realidade social retratada no texto, tomando consciência dela.

Por conseguinte, o sujeito lírico não fala de si, mas daquilo que diz respeito à sociedade e daquilo sobre o que cada indivíduo deve estar a par. Todavia, o que narra vai além da notícia e da informação, uma vez que consegue propor um diálogo e, sobretudo, uma reflexão que leve a uma conscientização sobre os conflitos, problemas e

dificuldades que se verificam no tempo que é contemporâneo ao leitor e ao escritor. Assim sendo, o escritor da crônica-poema, com certa carga de lirismo, criticidade e objetividade para com o que narra, faz do sujeito lírico o porta-voz de algum sentimento ou opinião que perpassa o texto, deixando ao leitor a tarefa de apreciar ou desprezar qualquer consideração. Logo, o escritor apenas apresenta o fato e dele tenta se afastar para não impor julgamentos e posicionamentos em sua escrita.

Corroborando nosso pensamento acerca do tipo de crônica-poema que compõe *Versiprosa* e contribuindo para estabelecer as particularidades e a matéria que predomina nessa categoria de crônica, Afrânio Coutinho destaca que é “[...] a crônica poema-em-prosa, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.” (COUTINHO, 1971, p. 120). Nessa perspectiva, podemos compreender melhor a postura que o escritor assume na época em que vive e diante das situações a ela interligadas. Ao dar voz ao sujeito lírico, o escritor toma como referência a contemplação da vida, não com espírito deslumbrado e onírico, mas com reflexões que atribuem uma nova relação entre objeto e significado. O sentido que as palavras adquirem por meio da poeticidade depositada na escrita das crônicas-poemas produz uma conotação para a representação da vida, pois explora, além da temática, símbolos, sons, ritmos, imagens e conceitos; logo, o efeito causado pela lírica contribui para a expressividade do fato narrado.

Notamos que o autor de *Versiprosa* não se aproveita apenas de recursos sintáticos, semânticos e estilísticos, ou de um objeto real; vai além disso, por meio da voz de um eu lírico, de uma atividade criadora, de uma linguagem com propriedades significativas; ele expressa, relata uma cena, uma situação, um acontecimento, visto que, embora a informação esteja disfarçada, ela está entrelaçada aos recursos que dão forma à matéria lírica e que expressam o conteúdo do texto e a relação entre sujeito-objeto-mundo, produzindo uma poesia engajada nas questões sociais do momento. Desse modo, constrói-se um diálogo, pois o locutor, ou o sujeito lírico, deseja comunicar-se com seu interlocutor expondo o evento histórico que vivencia ou observa; por isso escreve e veicula no texto o que incita sua atenção, levando a inferir denúncias e ironias quanto a ações humanas e a personalidades políticas.

Por meio do eu lírico, o poeta faz ressaltar na obra uma apreciação daquilo que presencia e que experiencia. No poema Crônica de Janeiro, observamos como o poeta expressa-se para demonstrar determinada cena social. Leiamos os fragmentos a seguir:

CRÔNICA DE JANEIRO

Onde está o janeiroiro
que entoava alegres janeiras
à porta de seus amigos
na primeira cor do ano?
Mal se calou a cantiga
tecida de votos suaves,
veio a chuva, veio o vento,
veio o vá! da voçoroca
e o morro virou paçoca
de carne humana desfiada
nas unhas do temporal.
Sem trinco, teto ou portal,
cada casa improvisada
sobre alicerces de samba
mais pula que dança a dança
de morte, num carnaval
de textura cruel.

[...]

Eis rola a encosta o enxurreio
e faz do Rio, Veneza
de um só barrento canal
onde se mira a tristeza
de gôndolas-automóveis
imóveis no lodaçal.

Já toda a gente se agita,
já corre de mãos repletas
de agasalho, de comida,
de remédio, de carinho,
e de bondade infinita.

Quisera ter uma voz
Mui alta, mui sonora
para exaltar deste povo
que tem fama de leviano
a força maravilhosa
posta em seu gesto de ajuda.
De um estranho faz seu mano,
de alheia carne sua carne
e na crise mais aguda,
na mais longa chuvarada,
ensina como tirar
um pouco de ordem do nada.

[...]

(ANDRADE, [1967], 2002, p. 603-605 [30-1-1966]).

No texto acima, o cronista-poeta pinta um quadro típico da cidade do Rio de Janeiro, o transtorno causado pelas inundações, deslizamentos e desmoronamentos de encostas de morros quando a chuva aflige a cidade sem cessar. Porém, as dificuldades enfrentadas por esse povo que mora nos morros cariocas, possivelmente nas favelas,

durante a forte precipitação que destrói sua humilde casa improvisada, também faz com que se unam e tenham encorajamento para se restabelecerem e reorganizarem. Ao ver essa vontade de viver, essa ajuda mútua para com um estranho que adota como irmão, em meio ao desespero, o cronista-poeta canta e narra como um “janeireiro” as calamidades do primeiro mês do ano. Todavia, sua canção não é alegre, e, sim, triste, sofrida, como a vida que ele vê se desfilar no temporal, mas, embora haja seu lado triste, também há seu lado de esperança e de amor, pois exalta as atitudes do favelado⁹, povo visto (e lastimado) por uma parcela da população como uma mazela no plano urbanístico da cidade.

Entretanto, o poeta vê nesse povo martírio, força e esperança, por isso canta: “Já toda a gente se agita,/ já corre de mãos repletas/ de agasalho, de comida,/ de remédio, de carinho,/ e de bondade infinita”. Assim, Drummond recria o drama em que vivem seus personagens: inseridos numa situação desumana, mas na qual o caráter solidário que os envolve é a motivação para prosseguir. É também o sentimento de compaixão que leva o poeta a querer fazer da dor alheia e da benevolência recíproca um canto que consiga engendrar nessa realidade dissonante uma palavra reveladora, que faça conhecer esse mundo particular e universal, pessoal e social. Por fim, o poeta quer ter voz para gritar o quão solidário e digno é esse povo que vive à margem da sociedade e que a população recrimina, cujos integrantes apenas são notados e assistidos quando são afligidos por infortúnios ou quando são alvo de ações de despejo e desocupação de áreas assentadas. Logo, o Rio, “Cidade Maravilhosa”, quando se transforma em Veneza, não é admirável; diferentemente desta, ele se torna deplorável e desumano, fazendo com que a cena comova o poeta e também o leitor. A imagem recriada revela os lados contrários da cidade, aquela que despreza e humilha, e a outra que acolhe e respeita.

Ademais, no decorrer da leitura da crônica-poema, verificamos que os versos guardam em sua estrutura repetições, aliterações e rimas, conferindo ritmo ao encadeamento das palavras e, assim, atribuem expressividade à matéria grotesca que foi pintada. Dessa forma, a reportagem é disfarçada pelos esquemas rítmicos e pela moderação no uso de alguns vocábulos por meio de metáforas; logo, “[...] significado, significante e referente dissolvem-se no fluído lírico que envolve o poema”. (PEREYR, 2000, p. 22). Agrega-se a isso a percepção e o reconhecimento que o escritor tem diante

⁹ Nessa passagem, a palavra “favelado” não é usada em seu sentido pejorativo, como, por exemplo, aludir a uma eventual situação de discriminação e exclusão social, mas, sim, é usada para designar o indivíduo que é morador de favela, ou seja, pessoa que vive em uma favela. Cf. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2008).

de determinadas situações em que vivem seus semelhantes; dessa observação resulta o ato do fazer, que se consoma na escritura de sua obra, em que relembra uma época, uma sociedade e a vida de indivíduos que permanecem no anonimato.

Assim sendo, temos uma voz individual que canta uma ação coletiva e consegue, pela linguagem, expressar as relações humanas, seus valores, hábitos e crenças, além de suas agruras. Contudo, deseja ter uma voz muito alta e sonora para dizer o quão grande é a força e a esperança desse povo que mora e morre no morro. O poema torna-se o espaço de recriação da calamidade; o encadeamento rítmico ameniza a tragédia que forma o corpo sonoro da composição e constitui matéria para desenvolvimento da narrativa. Intrincado na forma e no conteúdo do poema, encontramos o poeta, que, escondido sob o eu lírico, deseja dizer e gritar sua dor e a dor desse povo que ele vê desfiar “nas unhas do temporal”.

Nessa direção, percebemos que contribuem para o processo de criação da crônica-poema e para a completude da linguagem fatores externos e internos ao poeta, bem como elementos internos próprios do gênero lírico que, juntos, promovem a realização sonora e a construção concatenada de uma cena grotesca em meio aos versos. Logo, a construção rítmica e verbal da crônica-poema é provocada pela relação e pela sensibilidade do poeta com a condição vulnerável do homem e sua atitude de sobrevivência, auxílio e socorro frente às adversidades da vida. Isso é exposto em uma linguagem que se configura em imagem dizível e visível através de sua força expressiva e pela apreensão do real na recriação de episódios que atribuem sentidos sonoros e interpretativos à narrativa.

Portanto, se a crônica é um gênero que transita entre a literatura e o jornalismo, o escritor encerra nela sua individualidade e episódios significativos. Se predominam os traços literários, temos a combinação da motivação para escrever com uma carga subjetivista, a sensibilidade do escritor para com o fato e um estilo de composição que é peculiar a cada autor e que, a partir da inventividade, consegue recriar o cotidiano. Se sobressaem os aspectos jornalísticos e a crônica deriva do assunto da reportagem, a linguagem denotativa não proporciona múltiplas significações, há apenas a necessidade de comunicar e advertir; logo, a reportagem e a crônica escritas para o jornal agregam ao seu conteúdo a realidade humana: um caso banal, uma notícia; e como este dura apenas um dia, como destaca Afrânio Coutinho:

A crônica é na essência uma forma de arte imaginativa, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, coisas, seres. O cronista é um solitário com ânsia de comunicar-se. Para isso, utiliza-se literariamente desse meio vivo, insinuante, ágil, que é a crônica. [...]. De qualquer modo, como salientou Eduardo Portela, o fundamental na crônica é a superação de sua base jornalística e urbana em busca da transcendência, seja construindo “uma vida além da notícia”, seja enriquecendo a notícia “com elementos de tipo psicológico, metafísico” ou com o *humour*, seja fazendo “o subjetivismo do artista” sobrepor-se “à preocupação objetiva do cronista”. (COUTINHO, 1971, p. 123).

Sendo Drummond um cronista, observamos que em *Versiprosa* escreve e intenciona a interpretação do cotidiano, e por meio do eu lírico demonstra em seu discurso seus anseios para com o que narra de forma intimista. Se a crônica encerra um acontecimento real ou fictício, Drummond a utiliza para expressar a problemática que percorre uma época a que ele pertence, revelando suas considerações a respeito de determinado fato pela linguagem e elementos que expressam um cunho pessoal.

Para se estabelecer essa comunicabilidade entre escritor e sociedade, o lirismo que as crônicas-poemas exprimem permite ao leitor imaginar e recriar imagens, repensar situações e comprovar fatos. Desse modo, o leitor participa da criação literária, porque o poeta consegue alcançar o que se esperava: manter uma discussão de ideias e opiniões com seu público. É o que se nota ao ler e interpretar as composições de *Versiprosa*; Drummond consegue superar a base jornalística ao conferir a suas crônicas sensibilidade e humor, além de preocupar-se não apenas com a notícia ou com a beleza estética do texto, mas, sim, de procurar situar os fatos, fazendo do poético uma maneira de dizer a vida.

Por meio das palavras, da recriação de personagens e acontecimentos, o poeta provoca uma nova maneira de apreciar e perceber os eventos históricos e sociais do tempo presente em que vive e escreve. Dessa forma, o autor, utilizando-se de referentes situacionais, suscita em seu texto alusão ao contexto histórico e social e, assim, faz dele um produto de comunicação coletiva e de interação com seu leitor. Em *Versiprosa*, portanto, uma dada realidade é recriada através de um processo verbal, em que o poeta relaciona tanto o plano de expressão quanto o referente extralinguístico para concretizar seu texto; como resultado, registra e revela uma manifestação individual e os valores de uma sociedade ou de um grupo social.

Carlos Drummond une as funções e os valores da crônica, gênero em prosa, com as funções e os valores do gênero lírico em *Versiprosa*, sendo que este gênero suscita poeticidade e subjetividade, e aquele, objetividade e informatividade. À vista disso, temos em questão um gênero híbrido, uma vez que sofreu uma mutação em sua forma e agrega em sua estrutura dois gêneros distintos, estabelecendo um novo gênero. Portanto, teremos como resultado desse processo a crônica-poema ou o poema em prosa.

Nessa perspectiva, esse novo gênero criado e utilizado por Drummond na produção do livro *Versiprosa* atende às expectativas e propostas que o autor desejava alcançar junto ao público leitor. Porque, em sua função de cronista, ele almejava estabelecer uma atividade comunicativa e informativa de um fato efêmero; em seu papel de poeta, conseguiu captar a essência do fato, e com um espírito poético, provocou uma nova leitura do cotidiano por meio da expressão verbal, estética e plurissignificativa das palavras na construção de sua crônica-poema.

Esse novo gênero que surge por um processo de hibridismo faz repensar os limites de cada gênero e evidencia que oralidade e escrita estão muito próximas, além de levar a um reexame da funcionalidade e da aplicabilidade de cada forma comunicativa em uma produção textual. Desse modo, nosso pensamento coaduna-se com o de Adriana Silvina Pagano, que aduz:

O hibridismo parece surgir da práxis ou da produção textual, que, se bem participa de um gênero específico ou se vincula a ele, está sempre ativando outros gêneros. Embora diferenciados no início, esses outros gêneros vão aos poucos incorporando-se e misturando-se com o gênero predominante em primeira instância. (2001, p. 88).

Isso posto, Adriana Pagano nos apresenta duas situações em que podemos detectar o aparecimento do hibridismo: quando decorre da práxis, uma vez que é ação e atividade sociocomunicativa e interativa; e quando surge da produção textual, pois a prática da escrita é a simbolização da fala e a representação de uma cultura, e a fala é a exteriorização do pensamento, sendo, portanto, o resultado de um discurso significativo e contínuo. Nesse sentido, ao produzir uma poesia práxis o escritor foge das convenções formais, aprecia o conteúdo da matéria de sua produção, que é colhido do meio social, e incorpora a ele o jogo sonoro e semântico, possibilitando múltiplas interpretações ao seu texto, porque os objetivos de uma escrita são movidos pelos contextos de uso e de produção, e também pelo veículo em que ela é divulgada.

Logo, o hibridismo, enquanto fenômeno que atua como mutabilidade de determinado gênero já existente, materializado, caracterizado e limitado pelas convenções formais, comprova que nenhum gênero é estático e homogêneo, pois com o decorrer dos tempos e de acordo com as intenções e a criatividade do produtor textual, podem se produzir novos gêneros a partir dos já existentes. E, se num primeiro contato, esse texto transformado causa algum estranhamento, com o passar do tempo ele será aceito e se elevará à categoria de gênero predominante, levando consigo as propriedades dos gêneros que a ele foram incorporados, mas também desenvolvendo suas próprias características, de tal modo que delimitará novos limites e se sobressairá quanto ao aspecto formal do primeiro.

Assim sendo, ao analisarmos a configuração do livro *Versiprosa*, compreendemos que há uma mescla de gêneros literários que o transforma num gênero híbrido, e que o faz transitar entre o meio jornalístico e o literário. Sua composição, seu meio de circulação e divulgação proporcionam a proximidade entre o autor e o leitor, estabelecendo com este um diálogo sobre os acontecimentos sociais. A prosa e a poesia estão unidas em um só texto, em um veículo de informação que era lugar propriamente dito da crônica, do artigo de opinião, do ensaio crítico; dessa forma, fundem-se os gêneros literários, por meio da criação poética, da habilidade em escrever e de uma mente inovadora, dessa forma as fronteiras delimitadas para cada gênero literário são diluídas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. *Versiprosa* [1967]. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 507-675.

BARBOSA, R. C. De *Viola de Bolso* a *Versiprosa*: o cotidiano tornado poesia. In: WILLIAMS, G. F.; PACHÁ, S. (Orgs.). *Carlos Drummond de Andrade and his generation*. Universidade da Califórnia, Santa Barbara, 1986. p. 127-135.

COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7. ed. rev. e atual. v. 6. São Paulo: Global, 1971. p. 105-127.

FREITAS, P. E. A crônica: sua trajetória; suas marcas. In: *Congresso de Letras do UNEC: discursos e identidade cultural*, 5, 2005, Caratinga (MG). *Anais do Congresso de Letras do UNEC: discursos e identidade cultural*. Caratinga: UNEC, 2005. p. 171-

179. Disponível em: <
<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/284>>.
Acesso em: 5 set. 2016.

MOISÉS, M. A crônica. In: MOISÉS, M. *A criação literária: prosa II*. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 245-258.

PAGANO, A. S. 2001. Gêneros híbridos. In: MAGALHÃES, C. M. (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 83-119.

PEREYR, R. *A unidade primordial da lírica moderna*. Feira de Santana: UEFS, 2000. 104 p.

PONCIONI, C. C.D.A.: cronista do *Correio da Manhã*. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 8, 2002. p. 135-151. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3140>. Acesso em: 5 set. 2016.

Data de submissão: 10/03/2016

Data de aprovação: 03/07/2016